

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



A FORMAÇÃO DO TRABALHO E AS IMPLICAÇÕES DO ATUAL MODELO NA SAÚDE DO TRABALHADOR

Arthur Virgilius Braga Oliveira¹

Resumo: O trabalho é utilizado como engrenagem primordial de um subsistema (economia) em várias sociedades, com o ímpeto de cancelar o julgo e a imposição de uma minoria arraigada de privilégios ante uma maioria explorada. A partir desta exploração aparecem tensões físicas e psicológicas no indivíduo (trabalhador), podendo atingir estágios superiores como a invalidez e, até mesmo, o suicídio desses trabalhadores. Neste sentido, esse estudo teve como objetivo analisar como o trabalho se deu a longo da história diante dos sistemas econômicos do passado, escravocracia, feudalismo e, também, o atual sistema ou, como atenua Marx, o modo de produção capitalista. Desta forma, este trabalho verificou os impactos do atual modelo de trabalho para com a saúde do trabalhador e sua influência em casos de suicídio no trabalho. A metodologia utilizada no trabalho foi de pesquisa qualitativa com feição exploratório-descritiva, a partir de pesquisa documental. Foi percebido que a estrutura capitalista potencializa o adoecimento do trabalhador e, conseqüentemente, contribui para atos suicidas.

Palavras-chave: Trabalho. Saúde. Suicídio

INTRODUÇÃO

Conhecida desde os primórdios da sociedade e baseada, inicialmente, por divisão de gênero, masculino e feminino, o trabalho é algo intrínseco ao homem, Benjamin Franklin ressalta, *O trabalho enobrece o homem*. Contudo, a palavra trabalho se origina do termo *tripalium* (latim), um instrumento de tortura. Desta forma, há uma demonstração explícita que

¹ Graduado em Comunicação Social (Jornalismo) - Faculdade Estácio do Ceará. Especialista em Psicologia Organizacional e do Trabalho - UECE. Graduando em Economia Ecológica - UFC. Bolsista do Projeto Grupo de Apoio a Empreendimentos Ecossolidários - GAEE/UFC (Programa VIÊS - Núcleo de Economia Política). E-mail: arthur.virgilius@yahoo.com.br

VI seminário CETROS
CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



trabalho representa duas ideias dicotômicas, a primeira, como algo positivo ao ser humano, ou seja, relevante; e outra concepção a qual demonstra algo negativo, com pesar.

Na atual sociedade percebem-se vários métodos de trabalho e sua tentativa de modificação dentro do mundo capitalista, com o intuito de retirar-se o ideário negativo desenvolvido ao longo da história. Alguns autores denotam que o desenvolvimento tecnológico é um dos elementos de evolução do trabalho. Como, por exemplo, Escorsim *et al* (2005), o mesmo afirma que, "A interação entre o capital intelectual e o estrutural constitui a organização e desenvolve um ambiente organizacional de sucesso" (p.6), além de Michael Hammer, criador do conceito de reengenharia. Dentro dessa perspectiva de evolução, o trabalho tomou-se vários aspectos que podem nos fazer repensar as teorias supracitadas, como por exemplo, jornadas exaustivas, carga horária abusiva, pressão de gestores, assédio moral, assédio sexual, entre outros elementos.

A partir deste imbróglio, começa-se a perceber o trabalho e sua aproximação com problemas de saúde nos indivíduos como a depressão, *burnout* e ansiedade, ou seja, o trabalho está associado, também, como algo negativo e pode estar relacionado a atos de suicídio. Segundo o autor Christophe Dejours em uma entrevista, segundo o teórico, "*Um suicídio no trabalho é uma mensagem brutal*".

Com isso esta pesquisa busca mostrar, resumidamente, alguns conceitos de trabalho desde a sua construção etimológica até o desenvolvimento do trabalho no capitalismo. Para além disso, a pesquisa discute o atual modo de produção, o capitalista, e suas imposições nas atividades profissionais regulares e prováveis correlações desta com o adoecimento de trabalhadores e, até mesmo, o suicídio destes.

1.1 Trabalho: fundamentação teórica e histórica

O termo trabalho nos remete, inicialmente, a uma conceituação advinda da Grécia Antiga, relacionado a dois termos, *poiesis* e *theoria*. Segundo Barros (2011), *poiesis* é "uma atividade que convergia para a produção de objetos, para a produção material e os fazeres dela decorrentes" e *theoria* "uma atividade contemplativa", ou seja, uma relacionada ao agir e a outra ao pensar. Neste momento histórico foi-se construído o conceito de *práxis*, o qual fazia

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



com que o sujeito associasse os dois tipos de atividade. No latim a divisão entre atividade criadora e braçal se dava por *opus* e *laborare*. Segundo Albornoz (1992), "O latim distingue entre *laborare*, a ação de labor, e *operare*, o verbo que corresponde a *opus*, obra".

Com o passar dos anos, foi-se construído a ideia de que trabalho causasse dor, ou seja, os conceitos de *theoria* e *poiesis*, *opus* e *laborare*, foram esquecidos, e sua estrutura etimológica tomou outra abordagem. Trabalho estruturou-se a partir do termo em latim, *tripalium*, da Roma Antiga. *Tripalium* é instrumento composto por paus, podendo tê-lo pontas de ferro, que era utilizado por agricultores para bater em arbustos de trigo e espigas de milho, com o intuito de rasgá-los, esfiapá-los.

Nas antigas sociedades, particularmente naquela que, para nós, é sempre uma sociedade de referência - a sociedade grega, da Atenas do século V A.C. - o trabalho não era absolutamente valorizado. Vocês sabem muito bem que, logo após, os romanos chamariam o trabalho de *tripalium*, que era um instrumento de tortura. Assim, o trabalho era fundamentalmente "aquilo que tortura". Além disso, como diziam particularmente Platão e Aristóteles, o trabalho é aquilo que está ligado à necessidade - necessidade de se cobrir, de se alimentar, etc. (ENRIQUEZ, 1999, p.54)

Segundo Bonzatto (2011),

TRABALHO: do latim, TRIPALIUM, instrumento de tortura, consiste num gancho de três pontas, cuja função é a evisceração ou a retirada e exposição das tripas, região de intensa dor e de lenta agonia. Foi criado e utilizado durante a Inquisição. (p.1)

Com isso, o trabalho traz em sua essência uma perspectiva negativa, afinal, está imbricado há algo doloroso, torturante. Além disso, os processos históricos contribuíram para que o trabalho tomasse essa dimensão negativa. Segundo Saviani (2007),

Na Antigüidade, tanto grega como romana, configura-se (...), de um lado, uma aristocracia que detém a propriedade privada da terra; e, de outro lado, os escravos. Daí a caracterização do modo de produção antigo como modo de produção escravista. O trabalho é realizado predominantemente pelos escravos. (p. 155)

Ou seja, para além das inserções feitas, ainda havia o aspecto de que a escravidão era o modelo econômico proposto das sociedades grega e romana antiga. Segundo Hunt & Sherman (1977), "A escravidão deu origem a noção de que todo trabalho era indigno" (p.11).

VI seminário CETROS
CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



Desta forma, a perspectiva supracitada mostra o trabalho como pesar. Todavia alguns autores retratam que o trabalho tem suas nuances, e com isso, pode mostrar-se como algo de importância, além de ser algo inato para os seres humanos.

Benjamin Franklin expressou-se quanto ao trabalho e nos colocou uma máxima utilizada até os dias de hoje, "O trabalho dignifica o homem".Biblicamente o trabalho mostra-se como algo imputado,natural, isso se expressa no livro de Gênesis capítulo 2, versículo 15, "E tomou o Senhor Deus o homem, e o pôs no jardim do Éden para o lavrar e o guardar".Além disso, o teórico Karl Marx, também dá sua contribuição quanto a importância do trabalho.

[...] a existência [...] de cada elemento da riqueza material não existente na natureza, sempre teve de ser mediada por uma atividade especial produtiva, adequada a seu fim, que assimila elementos específicos da natureza a necessidades humanas específicas. Como criador de valores de uso, como trabalho útil, é o trabalho, por isso, uma condição de existência do homem, independente de todas as formas de sociedade, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, da vida humana. (MARX, 1985a, p.50, *apud* Cólman e Pola,2009, p.2)

Vale ressaltar que o autor supracitado resgata o conceito *poiésis*, da Grécia Antiga.A partir dessas abordagens, o trabalho é colocado como algo importante, necessário, inato ao homem, com o intuito de suprir suas necessidades básicas.Numa perspectiva técnica o trabalho é colocado como algo para se concretizar, transformar, formar. Segundo o Dicionário Brasileiro Globo,

"Trabalho." Aplicação de atividade física ou intelectual; esforço; tarefa; serviço; obra feita ou que está em via de execução; fadiga; labutação; ação mecânica dos agentes naturais; (sociol.) a atividade humana aplicada à produção da riqueza; exercício; esmero; estudo ou escrito sobre algum assunto; (...) pl. discussões ou deliberações de uma corporação; cuidados; penas; aflições; *trabalhos forçados*: a pena de trabalhos públicos (Do b. lat.*tripaliu.*) (FERNANDES, 1991, n.p)

Desta forma, essa parte do capítulo mostrou três perspectivas do trabalho. A primeira suas conceituações e a formação etimológica e, conseqüentemente, a vinculação do ponto com a dor, o sofrimento. A segunda o trabalho mostra-se como algo importante, dignificante. A terceira, a forma técnica que este é colocado na atualidade.

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



Além de mostrar os conceitos do trabalho, é necessário entender como foram construídas a divisão deste ao longo da história. Com isso, o próximo ponto tratará de explicitar algumas formas de divisão do trabalho ao longo do tempo. A partir de estudos empíricos, sabe-se que a primeira divisão de trabalho está relacionada a gênero (masculino e feminino) ou sexo, na qual os homens eram responsáveis por atividades vinculadas a caça e pesca, e as mulheres a reprodução. Segundo Kergoat (2012),

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo; esta forma é adaptada historicamente e a cada sociedade. Ela tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apreensão pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares, etc...) (KERGOAT, p.1)

Desta forma, a autora mostra a primeira divisão social do trabalho e explicita, também, que os homens ao longo da história continuam como detentores das atividades tidas como principais, ou de maior relevância, causando impactos até a atualidade. Vale ressaltar que nesse primeiro momento a divisão do trabalho era para subsistência, a qual homens e mulheres viviam como nômades. Com o passar dos anos e o advento do crescimento populacional as relações sociais se modificaram, e o trabalho também mudou, com isso, o sistema escravocrata toma forma e começa a ser imposto na Grécia e Roma Antiga. Segundo Hunt & Sherman (1977),

Em Roma e na Grécia antiga cerca de 80% da população compunham-se de escravos. Esses escravos executavam todo o trabalho manual e, inclusive, grande parte do trabalho clerical, burocrático e artístico dessas sociedades. Em troca recebiam apenas a alimentação e o vestuário suficientes para sobreviverem. (p.11)

Vale ressaltar que o modelo escravocrata era reafirmado pelos intelectuais daquela época. Ou seja, Platão e Aristóteles tratavam o processo como natural.

Filósofos brilhantes, como Platão e Aristóteles, afirmavam que a escravidão era um fenômeno "natural", o único sistema possível e que sua existência seria eterna. Segundo esses filósofos, certos homens e mulheres nasciam para ser escravos: eram intrinsecamente inferiores. (IDEM, p.11)

Além da escravocracia apregoada na Europa, países da América Latina e África, vários séculos depois, tiveram tal sistema imposto. Como, por exemplo, o Brasil do século

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



XVI ao XVIII. Apesar da visão de Platão e Aristóteles, tendo como ponto de vista que o regime escravocrata seria eterno, os mesmos estariam incorretos. Com o passar do tempo o sistema escravocrata entraria em colapso, com a estagnação econômica, uma série de revoltas, limitações no processo da agricultura e pressões das tribos germânicas e eslavas. É nesse momento que um novo sistema econômico entra em ascensão, o feudalismo.

Com a decadência da escravocracia, o feudalismo ascende perante a sociedade. Tal regime dividia a sociedade em três classes: sacerdotes, guerreiros e trabalhadores. Segundo Huberman (2010),

A sociedade feudal consistia dessas três classes —sacerdotes, guerreiros e trabalhadores, sendo que o homem que trabalhava produzia para ambas as outras classes, eclesiástica e militar. (p.7)

Desta forma, o trabalho era imputado àqueles de classe inferior, os servos, a classe mais explorada. Como Hunt & Sherman (1977) afirmam, "Na base da hierarquia estava o servo, o camponês que cultivava a terra" (p.12), que se subjugavam as outras classes. O papel do trabalhador camponês era consolidado nas bases feudais, onde haviam diferenciações ante o sistema escravocrata, mas o papel de servidão tinha as suas aproximações. Huberman (2010) cita,

Eram quase ilimitadas as imposições do senhor feudal ao camponês. De acordo com um observador do século XII o camponês —nunca bebe o produto de suas vinhas, nem prova uma migalha do bom alimento; muito feliz será se puder ter seu pão preto e um pouco de sua manteiga e queijo...

—If he have fat goose or hen,

Calce of white flour in his bin,

—Tis his lord who all must win.

O camponês era, então, um escravo? Na verdade, chamava-se de —servos a maioria dos arrendatários, da palavra latina —servus que significa —escravo. Mas eles não eram escravos, no sentido que atribuímos à palavra, quando a empregamos. (p.10)

Percebe-se que as diferenças entre servos e escravos eram muito pequenas, quando se trata da quantidade de trabalho imposta. Segundo Hunt & Sherman (1977), o que fazia com que os servos continuassem sendo explorados pelos senhores feudais era a religiosidade. Os autores ressaltam que era empregada uma sobreposição judaico-cristã ante

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



os pobres, fazendo com que estes temessem a uma divindade suprema e continuassem trabalhando.

Apesar de perdurar durante séculos, o feudalismo começou a dar sinais de declínio e, no fim do século XII, o sistema vai à derrocada. Os motivos envoltos são as grandes navegações; os camponeses começaram a conseguir guardar parte do que produziam e passaram a ter seus excedentes, com isso os mesmos começaram a comercializar seus produtos e pressionar os senhores feudais; para além da produção, os burgueses iniciaram o processo de construção dos burgos, tendo maior força econômica que a nobreza; os burgueses começaram a avançar e anseios por mudanças começaram a os impulsionar. A Revolução Puritana de 1640 e a Revolução Gloriosa de 1688 denota a força política e econômica que a classe detinha. Em seguida a França, também, construiu seu processo revolucionário em 1789. As revoluções burguesas são marcos para implementação do capitalismo e, por consequência, transformação no processo de trabalho. Afinal, inicia-se o que sistema econômico empregado até hoje, o capitalismo.

A sociedade capitalista coloca o trabalho ou as relações de trabalho em outro patamar ante os outros dois sistemas econômicos. Nos sistemas anteriores o trabalho ou a força de trabalho era trocada por meios de subsistência (escravocrata), ou até mesmo, subsistência e uma pequena capacidade de acúmulo de moeda e ou matéria prima (feudal). Já no capitalismo o trabalhador tem a capacidade de vender sua força de trabalho para os detentores do capital, ou seja, os grandes proprietários de terra, industriais, aparentando uma "liberdade" deste trabalhador para exercer alguma atividade.

No início do capitalismo, os trabalhadores detinham a capacidade de participar de todo o processo produtivo de um determinado bem, isso significa que um sapateiro fazia todo o sapato desde o corte da sola e do couro, costura e acabamentos. Porém isso foi um resquício da sociedade feudal. Segundo Hunt & Sherman (1977), a mesma pessoa que exercia a atividade de produção do bem, também era vendedora do mesmo bem. Segundo Huberman (2010),

O progresso das cidades e o uso do dinheiro deram aos artesãos uma oportunidade de abandonar a agricultura e viver de seu ofício. O açougueiro, o padeiro e o fabricante de velas foram então para a cidade e abriram uma loja. Dedicaram-se ao

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



negócio de carnes, padaria e fabrico de velas, não para satisfazer suas necessidades, mas sim para atender procura. Dedicavam-se a abastecer um mercado pequeno, mas crescente. (p.57)

Com o passar dos anos a tecnologia avançou e os processos produtivos mudaram. Já no século XVI, adotou-se o sistema *putting-out system* (sistema manufatureiro doméstico). O qual segundo Hunt & Sherman (1977),

Desse modo, o capitalista tornava-se o proprietário do produto ao longo de todas as etapas da produção, ainda que o trabalho continuasse sendo realizado em oficinas independentes. Numa fase posterior do sistema manufatureiro doméstico, o mercador-capitalista passou a ter a propriedade das máquinas e instrumentos de trabalho e, frequentemente, do prédio no interior do qual a produção se realizava. Contratava os trabalhadores para acionarem os instrumentos de trabalho, fornecia-lhes as matérias primas e apropriava-se dos produtos acabados. Ao invés de vender o produto acabado ao mercador, como acontecia antes, o trabalhador passou a vender apenas a sua força de trabalho. (p. 27 e 28)

É nesse momento que as relações de trabalho tomam a forma supracitada no início do ponto, ou seja, inicia-se a também chamada divisão técnica do trabalho, tendo assim uma forma completamente diferente dos sistemas anteriores. Segundo Magalhães (1985) apud Soares (2015),

a noção de trabalho se alterou profundamente com o advento do sistema capitalista de produção. Sob a perspectiva materialista da história, a autora parte da premissa de que o capitalismo industrial deu origem à concepção moderna do trabalho. Apesar da realidade, designada pela categoria de trabalho, afirma Marx, ser tão velha quanto o próprio mundo, a categoria abstrata de trabalho é, no fundo, uma categoria moderna, tão moderna quanto às relações sociais que deram origem a essa abstração. (p. 68)

A colocação de Magalhães reafirma a mudança das relações de trabalho e a complexidade que esta toma, sob o olhar da perspectiva marxista. Para Marx o conceito de trabalho é "O processo de trabalho, como o apresentamos em seus elementos simples e abstratos, é atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação do natural para satisfazer a necessidades humanas [...]. " (Marx apud Colmán e Pola, 2009, p.1)

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



A representação de trabalho observada por Marx retrata outro momento do capitalismo, ou seja, o século XIX. Sabe-se que neste momento o capitalismo está em mutação, alavancado pela revolução industrial. Como ressalta Dobb (1983),

(...) no século XIX, o ritmo da modificação econômica, no que diz respeito à estrutura da indústria e das relações sociais, ao volume de produção e à extensão e variedade do comércio, mostrou-se inteiramente anormal, a julgar pelos padrões dos séculos anteriores: tão anormal a ponto de transformar radicalmente as idéias do homem sobre a sociedade de uma concepção mais ou menos estática de um mundo onde, de uma geração para outra, os homens estavam fadados a permanecer na posição que lhes fora conferida ao nascer, e onde o rompimento com a tradição era contrário à natureza, para uma concepção do progresso como lei da vida e do aperfeiçoamento constante como estado normal de qualquer sociedade sadia. (...) a cena econômica do século XIX (ou pelo menos nos seus três primeiros quartéis, na Inglaterra) nos proporciona uma combinação de circunstâncias excepcionalmente favoráveis para o florescimento de uma sociedade capitalista. Uma era de transformação técnica que aumentava com rapidez a produtividade do trabalho testemunhou também um aumento anormalmente rápido das fileiras do proletariado (...) (p. 184)

Huberman (2010) afirma, "sistema fabril, com sua organização eficiente em grande escala e sua divisão de trabalho, representou um aumento tremendo na produção. As mercadorias saíam das fábricas num ritmo intenso. Esse aumento da produção foi em parte provocado pelo capital, abrindo caminho na direção dos lucros" (p. 178). Porém apesar do desenvolvimento tecnológico acelerar os processos e aumentar a produção, a vida dos trabalhadores continuava miserável no século XIX. Karl Polanyi (2016) retrata a situação do povo.

A cidade industrial das Midlands e do Noroeste era um deserto cultural, e os seus bairros degradados refletiam simplesmente a sua falta de tradições e de amor-próprio cívico. Mergulhado nesse lamaçal sórdido de miséria, o camponês migrante, ou até mesmo o ex-pequeno proprietário independente ou rendeiro censitário, via-se rapidamente transformado de uma espécie até então por descrever que habitava no lodo. Não era só que fosse muito mal pago ou que trabalhasse demasiadas horas – embora essa situação fosse frequente –, mas passara a existir em condições físicas que eram a negação da forma humana da vida. Os negros da floresta africana que se descobriam enjaulados, respirando a custo no porão de um navio negreiro, terão sentido algo semelhante. (p. 157)

VI seminário CETROS
CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



O autor relaciona dois sistemas econômicos diferentes, o escravocrata e o capitalista, e os aproxima quando retrata a situação de trabalhadores a de escravos. Tyl (1971), Bron (1968) e Villerme (1971) apud Dejours (2014) também denotam as relações de trabalho da época,

(...) a duração do trabalho, que atinge correntemente 12, 14 ou mesmo 16 horas por dia, o emprego de crianças na produção industrial, algumas vezes a partir dos 3 anos, e, mais frequentemente, a partir dos 7 anos. Os salários são muito baixos e, com frequência, insuficientes para assegurar o estritamente necessário. Os períodos de desemprego põem imediatamente em perigo a sobrevivência da família. A moradia se reduz, frequentemente, e um pardieiro. Falta de higiene, promiscuidade, esgotamento físico, acidentes de trabalho, subalimentação, potencializam seus respectivos efeitos e criam condições de uma alta morbidade, de uma alta mortalidade e de uma alta longevidade formidavelmente reduzida. (p.14)

No fim do século XIX um novo modelo de divisão do trabalho aparece, a divisão científica do trabalho ou a Teoria da Administração/Organização Científica do Trabalho, criada por Frederick Taylor. E com isso o taylorismo e o toyotismo, são os modelos de organização do trabalho utilizados até hoje. Desta forma, o próximo capítulo apresentará esses modelos e denotará qual a psicodinâmica do trabalho empregada na sociedade moderna.

2.2 A atual psicodinâmica do trabalho e suas implicações na saúde do trabalhador

Esta seção apresenta, resumidamente, o que é psicodinâmica do trabalho. Além disso, mostra qual o modelo de divisão do trabalho, qual é o papel dos trabalhadores, como é sua dinâmica nas empresas e como essa dinâmica atua ante os trabalhadores, em si, como se é formatada sua psicodinâmica.

A partir da rotina de trabalho é formada uma dinâmica ao trabalhador. Essa dinâmica permeará sobre diversos momentos do seu dia podendo-se colocar desde a sua ida ao trabalho até seu retorno para casa. Porém tal esfera pode disseminar-se por outros momentos e se propagar em outros espaços, quando se refere a sociedade moderna. A partir disso é necessário mostrar o que é psicodinâmica do trabalho. Segundo Dejours, Abdoucheli e Jayet (2014),

[...] é um termo que pertence à teoria psicanalítica. Designa o estudo dos

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



movimentos psicoafetivos gerados pela evolução dos conflitos intersubjetivos e intrasubjetivos. Mas a realidade está no centro de gravitação da psicodinâmica do trabalho, ao passo que a dinâmica intrapsíquica e o imaginário ocupam o lugar central na psicanálise. E nesta realidade a análise deter-se-á no entendimento "dos processos intersubjetivos e interativos que se desenvolvem nos locais de trabalho". (p. 18 e 19)

Percebe-se que a psicodinâmica do trabalho além de dialogar com o trabalhador ou proletário, dentro dos muros corporativos, ela se estende para outras searas do meio social. Ou seja, vai da análise das formas de produção, a dinâmica produtiva e as relações na empresa, até espaços familiares, de lazer.

No final do século XIX e início do Século XX, a divisão científica do trabalho aparece como novo modelo de implementação do trabalho. Mas afinal, o que é a Teoria da Administração/Organização Científica do Trabalho ou taylorismo? Segundo Matos e Pires (2006),

A Teoria da Administração Científica iniciada por Frederick W. Taylor (1856 – 1915) fundamenta-se na aplicação de métodos da ciência positiva, racional e metódica aos problemas administrativos, a fim de alcançar a máxima produtividade. Essa teoria provocou uma verdadeira revolução no pensamento administrativo e no mundo industrial. Para o aumento da produtividade propôs métodos e sistemas de racionalização do trabalho e disciplina do conhecimento operário colocando-o sob comando da gerência; a seleção rigorosa dos mais aptos para realizar as tarefas; a fragmentação e hierarquização do trabalho. Investiu nos estudos de tempos e movimentos para melhorar a eficiência do trabalhador e propôs que as atividades complexas fossem divididas em partes mais simples facilitando a racionalização e padronização. Propõe incentivos salariais e prêmios pressupondo que as pessoas são motivadas exclusivamente por interesses salariais e materiais de onde surge o termo “homo economicus”. (p. 509)

Segundo Cipolla (2003),

O controle para que cada etapa da divisão técnica do trabalho se execute no tempo socialmente necessário é o que se denomina *taylorismo*. A manufatura é, portanto, taylorista em essência. (...) Taylor é apenas a expressão científica da idéia de que o trabalhador deve trabalhar com a regularidade e intensidade de uma peça de maquinaria. Taylor é, portanto, a expressão científica de um princípio da manufatura, princípio esse que serve de base ao *taylorismo* como método de racionalização de tempos e movimentos. (p.84)

Segundo Neto (1986),

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



Essa é a idéia do taylorismo; é o controle de todos os passos do trabalho vivo, controle de todos os tempos e movimentos do trabalhador, claro que de forma necessariamente despótica. Em poucas palavras a transformação do homem em máquina, e não utilização da máquina. Liberta-se o capital da habilidade dos trabalhadores, só que, em vez de se libertar introduzindo a máquina, busca-se objetivar o fator subjetivo, o trabalho vivo. (p.32)

Desta forma entende-se que o taylorismo é colocado como a cientificização do trabalho, a reorganização do trabalho a partir do estudo de tempos e movimentos. A partir disso, embasa-se com a perspectiva de facilitação das atividades na organização do trabalho, reduzindo-se sua complexidade, estímulo salarial e prêmios aos trabalhadores. O grande disseminador da teoria foi Henry Ford, dono da empresa automobilística Ford. Segundo Beynon (1995),

O século XX foi o século da produção em massa. Em seus anos iniciais, a introdução da linha de montagem foi aclamada com um entusiasmo que beirava a adulação. O responsável por isso foi considerado um homem milagroso. E esse homem foi Henry Ford. (p.37)

Com isso se afirma o modelo de produção percussor do século XX, afinal, Ford serve como exemplo de empresário neste século e no século posterior. Para além do taylorismo/ fordismo outro modelo ou, até mesmo, filosofia foi introduzida no chão de fábrica dos trabalhadores do século XX. É criado o toyotismo. Após crise no modelos taylorista/ fordista na década de 1970, o modelo passou a ser incorporado por todo mundo. Segundo Alves (2005),

Durante os anos 70 e 80, várias técnicas de gestão foram importadas do Japão. Mas, no decorrer da mundialização do capital, o sistema Toyota com sua filosofia produtivista tendeu a assumir um valor universal para o capital em processo. Despreendeu-se de seu particularismo nacional. O toyotismo passou a incorporar uma 'nova significação' para além das particularidades de sua gênese sócio-histórica (e cultural), vinculada ao capitalismo japonês. (p.413)

Essa filosofia traz consigo uma nova configuração de trabalho baseada por um mercado interno escasso, no caso o japonês. Desta forma, o toyotismo se caracteriza por:

(...)o toyotismo que propiciará, com maior poder ideológico, no campo organizacional, os apelos à administração participativa, salientando o sindicalismo de participação e os CCQ (Círculos de Controle de Qualidade)(...) (ALVES, 2005

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



p.414)(...)procurou-se operar, de modo pleno, a subsunção real da subjetividade operária à lógica do capital, a articulação hábil da 'força' (destruição do sindicalismo de base territorial) com a 'persuasão' (altos salários, benefícios sociais diversos, propaganda ideológica e política habilíssima). (IDEM, p.414)(...)sob a forma da *lean production* (produção enxuta), implica adequá-lo, em suas contrapartidas para o trabalho assalariado, às novas realidades sócio-históricas da concorrência capitalista mundial. (IDEM, p.418)

Desta forma, os trabalhadores do século XX e século XXI são incorporados nas linhas de produção com modelos ideológicos fixados, o fordismo/ taylorismo, inicialmente, e, em seguida, o toyotismo. Sabe-se que na atualidade, os dois sistemas se aglomeram nas linhas de produção, formando, assim, um fordismo/ taylorismo toyotista. E, aparentemente, esses modelos afetam diretamente a vida dos trabalhadores, ou seja, a psicodinâmica do trabalho tem implicações no proletariado. Além disso, é necessário colocar que

o ser humano não se ajusta a um uniforme e sempre crescente ritmo de trabalho; isto nada mais é que a confirmação, em nossos dias, de algo já assentado por Marx quando afirma que 'o homem é um instrumento muito imperfeito de produção quando se trata de conseguir movimentos uniformes e contínuos. (NETO, 1986, p.33)

Cipolla (2003) reafirma,

Os instrumentos humanos aparecem na máquina como instrumentos da máquina e a máquina é o mecanismo que faz as operações anteriormente realizadas pelos trabalhadores com instrumentos similares. A máquina incorpora uma ferramenta anteriormente utilizada manualmente, agora adaptada a um mecanismo automático. Ela é, portanto, capaz de superar as limitações orgânicas que o corpo humano impõe ao número de ferramentas que um trabalhador pode operar. (p.85)

Diante disso, vimos que o ser humano vai à contramão do processo taylorista. Com isso, é percebido que são modelos neuróticos que produzem neuroses. Cipolla (2003) afirma que, "Taylor realiza com a obsessão de uma neurose o que o sistema tende a produzir por sua própria natureza"(CIPOLLA, 2003). Para se entender como era o trabalho no início do século XX, Beynon (1995) colocou relatos dos trabalhadores das fábricas de Ford em seu livro, um deles cita:

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



Eu trabalhava na forração das capotas, e achava que não conseguiria sobreviver. Voltava para casa do trabalho e ia direto dormir. Minhas pernas e braços viviam adormecidos. E olhe que eu sabia o que era trabalho duro. Tinha trabalhado na construção civil, mas este lugar era um inferno (...). (p.106)

Segundo Dejours (1992), "(...) o sistema de Taylor é denunciado como desumanizante e acusado de todos os vícios, principalmente pelos operários, mas também por parte do patronato" (p. 23). Esses relatos mostram como o modelo imposto por Taylor traz consigo contradições, referindo-se a natureza humana, e por consequência, adoce os trabalhadores que são incorporados a esse modelo.

Quanto ao toyotismo, tal modelo também incorpora o trabalho do homem ao da máquina, fazendo com que o este perca sua capacidade de reinventar-se, ou seja, de apresentar sua especialidade, sua parte individual. Segundo Alves (2005), "O nexo essencial da lógica da produção toyotista é a captura da subjetividade do trabalho vivo" (p.418). E continua,

(...) o toyotismo, em sua busca sedenta por hegemonia, tende a promover um agudo investimento na captura da subjetividade, aprofundando os nexos fetichistas e 'estranhados' do capital.

Na verdade, é um elo significativo desta aguda manipulação social do capitalismo em sua fase de crise estrutural. Atinge o modo de trabalho que se expande para o tempo de vida. Nunca trabalho e vida se aproximaram tanto quanto no capitalismo da grande indústria sob o fordismo. (p.420)

Os modelos, em si, não se diferenciam tanto, afinal tem o mesmo intuito, resolver problemas de crise estrutural e, principalmente, reproduzir capital para grandes proprietários. Entretanto, tal forma de reprodução de capital afeta diretamente o trabalhador.

(...) a reconstituição psicocorporal do toyotismo é problemática, cabe ressaltar. Se ela tende a fundir corpo e mente, ao flexibilizar o corpo rígido, tornando-o maleável para a nova subsunção do trabalho ao capital, ela não o emancipa, nem poderia. (ALVES, 2005, p.424)

O modelo oriundo da década de 60 do século XX, tendo como um dos princípios o *Just in time* (tempo justo), transformou a psicodinâmica do trabalho, porém em seu escopo continuou ocasionando problemas ao trabalhador. Partindo da perspectiva de que na atualidade estamos imersos ao modelo fordista/taylorista toyotista é importante observarmos três fatos colocados por Dejours, Abdoucheli, Jayet (1993),

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



O organismo do trabalhador não é um "motor humano", na medida em que é permanentemente objeto de excitações, não somente exógenas, mas também endógenas.

O trabalhador não chega ao seu local de trabalho como uma máquina nova. Ele possui uma história pessoal que se concretiza por uma certa qualidade de suas aspirações, de seus desejos, de suas motivações, de suas necessidades psicológicas, que integram sua história passada. Isso confere a cada indivíduo características únicas e pessoais.

O trabalhador, enfim, em razão de sua história, dispõe de vias de descarga preferenciais que não são as mesmas para todos e que participam na formação daquilo que denominamos de estrutura da personalidade. (p.24)

Correlacionando esses elementos com o modelo organizacional do trabalho, nos deparamos com fatos antagônicos, contradições. Podemos considerar uma perspectiva na qual o homem necessita de sua "liberdade" para conseguir colocar propor sua subjetividade e os preceitos do trabalho os impõe um controle. É importante observar que o trabalho é um dos elementos essenciais ao homem, e que sem sua capacidade de abstração torna-se uma prisão.

Com nomes diferentes escravos, servos e proletários, todos estão na mesma posição hierárquica, a de dominados. Atualmente, os trabalhadores estão adoecendo de forma expressiva, e os problemas psicossomáticos estão à tona. Afinal, a depressão é considerada o mal do século XXI.

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa, tratou do termo trabalho e, inicialmente, mostrou sua conceituação. Denotou-se duas perspectivas diametrais, a primeira vinculada a Grécia Antiga, os conceitos de *poiésis* e *theoria*, que são enquadradas dentro dos aspectos de produção de objetos e atividade contemplativa. O segundo significado da palavra trabalho advém de um objeto de tortura, *tripalium*, construindo um preâmbulo obscuro, negativo para com o termo. Em si, o trabalho traz em sua essência a ressignificação do ser. O capítulo também colocou resumidamente o desenvolvimento do trabalho ao longo da história, perpassando pelas sociedades escravocratas, feudalista e mercantilista (início do capitalismo). A partir disso, é formatado uma percepção na qual se entende que o trabalho é algo que deva estar presente na vida do *homo sapiens*, porém deve tê-lo como algo equilibrado, ou seja, não ultrapassando outras searas essenciais para sobrevivência do ser e capaz de incorporar a subjetividade de quem o faz, o trabalhador.

Os agentes causadores da ação são elevada carga horária; o não uso das férias (compra desta); problemas com aparato de trabalho, precarização do trabalho; pressões da sociedade e patentes superiores (assédio moral); o medo (violência); e, as mudanças no horário de trabalho.

Desta forma tal desiderato constatou que o atual modelo de trabalho contribui para a degradação física e mental, e tal deterioração pode chegar a ponto de fazer com que estes profissionais ajam ante a morte de si. Com isso as afirmações de Dejours, "Os suicídios perpetrados no local de trabalho estão seguramente vinculados ao trabalho, pois o suicídio, como toda conduta humana, está sempre endereçada" (2010, p.25) e Cohen "O suicídio no mundo do trabalho não é uma mera moda imposta pelo capitalismo globalizado que extremou as condições de exploração, mas deve revelar-se como consequência do sistema" (p.81, 2011), reafirmam que com o modelo de trabalho suplantado na sociedade, as atividades em geral potencializam a vontade dos trabalhadores de cometer suicídio.

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBORNOZ, Suzana. O que é o trabalho. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

ALVES, Giovanni. Trabalho, Corpo e Subjetividade: toyotismo e formas de precariedade no capitalismo global. Artigo. **Revista Trabalho, Educação e Saúde**, v. 3 n. 2, p. 409-428, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tes/v3n2/09.pdf>> Acesso em 20 de julho de 2016

BARROS, José D'Assunção. Práxis: considerações sobre as assimilações de um conceito pelo materialismo histórico. **História Social**, n. 20, 2011. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/227/477>> Acesso em 18 de julho de 2016

BEYNON, Huw. **Trabalhando para Ford: Trabalhadores e Sindicalistas na indústria automobilística**. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra. 1995.

BONZATTO, Eduardo Antônio. TRIPALIUM: O trabalho como maldição, como crime e como punição. **Revista eletrônica Direito em Foco**. UNISEPE. 2011. Disponível em: <http://unifia.edu.br/revista_eletronica/revistas/direito_foco/artigos/ano2011/Direito_em_foco_Tripalium.pdf> Acesso em 01 de fevereiro de 2017

CIPOLLA, Francisco Paulo. Economia Política do Taylorismo, Fordismo e *Teamwork*. *Revista de Economia Política*. vol. 23, nº 3 (91), julho-setembro/2003. Disponível em: <<http://www.rep.org.br/pdf/91-4.pdf>> Acesso em 15 de março de 2017

COHEN, E. Conceito de natureza humana, trabalho e subjetividade: um aporte para pensar a problemática do suicídio no mundo do trabalho. In: BARRETO, Margarida; NETTO, Nilson Berenchtein; e PEREIRA, Lourival Batista. **Assédio Moral à Morte em Si - Significados Sociais do Suicídio no Trabalho**. Editora Matsunaga. São Paulo. 2011.

COLMÁN, Evaristo; POLA, Karina Dala. Trabalho em Marx e Serviço Social. *Serviço Social em Revista*. ISSN: 1679-4842. v.12, n 1 (2009). Londrina. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/ssrevista/pdf/2009/2009_2/Artigo%20evaristo.pdf> Acesso em 12 de março de 2017

DEJOURS, ABDOUCHELI, JAYET. *Psicodinâmica do Trabalho - Contribuições da Escola Dejouriana à Análise da Relação prazer, sofrimento e trabalho*. Editora Atlas, 1993.

DEJOURS, BÈGUE. *Suicídio e trabalho. O que fazer?* Editora Paralelo 15, 2010.

DEJOURS, C. *A Loucura do Trabalho. Estudo de Psicopatologia do Trabalho*. Editora Cortez. São Paulo. 1992.

| | |
|--|--|
| <h1>VI seminário CETROS</h1> <p>CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL desafios para a classe trabalhadora</p> |  |
| <p>22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE (Auditório Central - Campus do Itaperi)</p> <p>ISSN: 2446-8126</p> | |

DOBB, Maurice. **A evolução do capitalismo**. Editora Abril Cultural, 1983.

ENRIQUEZ, Eugène. Perda do trabalho, perda da identidade. Caderno da Escola do Legislativo, Belo Horizonte, 5 (9); 53-73, jul/dez. 1999. Palestra publicada originalmente em "Relações de Trabalho Contemporâneos; orgs Antônio Carvalho Neto e Maria Regina Nabuco. Belo Horizonte: IRT (Instituto de Relações do Trabalho) da PUC Minas, 1999. pp. 69-83.

ESCORSIM, Sérgio et al. A evolução do trabalho do homem no contexto da civilização: da submissão à participação. IX Simpósio Internacional Processo Civilizador. Ponta Grossa, Paraná. 2005. Disponível em: <https://docgo.net/philosophy-of-money.html?utm_source=artigo-a-evolucao-do-trabalho-do-homem-no-contexto-da-civilizacao> Acesso em 12 de abril de 2017

FERNANDES, Francisco. Dicionário brasileiro Globo/ Francisco Fernandes, Celso Pedro Luft, F. Marques Guimarães. - 22. ed. - São Paulo: Globo, 1991.

HUBERMAN, L.. História da Riqueza do Homem. Editora LTC. 2010.

HUNT & SHERMAN. História do Pensamento Econômico. Editora Vozes, 1977.

KERGOAT, DANIELE. Divisão Sexual do Trabalho e Relações Sociais de Sexo. USP. São Paulo. 2012. Disponível em: <https://polignu.org/sites/polignu.org/files/mulheres/data_curta/adivisaosexualdotrabalho_0.pdf> Acesso em 06 de março de 2016

MATOS, Eliane; PIRES, Denise. Teorias Administrativas e Organização do Trabalho: de Taylor aos dias atuais, influências no setor saúde e na enfermagem. Artigo. Texto **Contexto Enferm**, Jul-Set; v.15,n.3, p.508-14. Florianópolis, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n3/v15n3a17.pdf>> Acesso em 15 de abril de 2018

NETO, B. R. de M. Maquinaria, taylorismo e fordismo: a reinvenção da manufatura. Revista de Administração de Empresas. 26(4) 31-34 out./dez. Rio de Janeiro. 1986.

POLANYI, K. A Grande Transformação. Editora Edições 70. Lisboa, Portugal. 2016.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. Revista Brasileira de Educação v. 12 n. 34 jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbedu/v12n34/a12v1234.pdf>> Acesso em 11 de janeiro de 2017

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

ISSN: 2446-8126

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)



SOARES, José de Lima. De Hannah Arendt A Karl Marx: O Novo E Precário Mundo Do Trabalho No Século XXI. Poésis Pedagógica, Catalão - GO, v.13, n.2, p. 66-86, jul/dez. 2015. Disponível em:<<https://www.revistas.ufg.br/poiesis/article/download/40104/20496>> Acesso em 05 de fevereiro de 2017